



O Alaceano

Jornal da Academia de Letras e Artes do Ceará-ALACE

Publicação Trimestral: Janeiro-Fevereiro-Março/2020

DIRETORIA ALACE - 2018-2020

PRESIDENTE: Lucia Maria Paiva Recamonde

VICE-PRESIDENTE:

Maria do Socorro Cavalcanti

1º SECRETÁRIO: Rejane Costa Barros

2º SECRETÁRIO: José Odmar de Lima

1º TESOUREIRO: Joseleido Bomfim Santana

2º TESOUREIRO: Gilda Maria Oliveira Freitas

DIRETOR SOCIAL:

Francisco de Assis Clementino

DIRETOR JURÍDICO:

Neuzemar Gomes de Moraes

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO:

Pio Barbosa Neto

VOGAIS: Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira

Amaury Neves Marinho

CONSELHO FISCAL:

Francisco Aprígio da Silva

João Edson Rôla

Francisco Erivaldo Façanha

SUPLENTES: Ernani Rocha Machado

José Wiliam Bezerra Silva

Josenir Alcântara de Oliveira

CONSELHO DE ÉTICA:

Ma. Argentina A. de Andrade

Maria Nirvanda Medeiros

Maria das Graças Teixeira Santos

EXPEDIENTE

EDITORA-CHEFE:

Lucia Maria Paiva Recamonde

CONSELHO EDITORIAL:

Socorro Cavalcanti

Rejane Costa Barros

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Gutemberg Liberato de Andrade

REVISÃO:

Rejane Costa Barros

Editorial

Hoje vocês recebem o oitavo jornal relativo ao período da Diretoria responsável pela gestão dessa Academia. Será um jornal diferente em virtude do difícil momento que o mundo atravessa. Nesses tempos de pandemia quando os contatos físicos estão proibidos e a tecnologia reina, o Alaceano terá seu primeiro número on-line. O jornal impresso será entregue quando toda essa fase passar.

Vários trabalhos sobre a mulher constam desse periódico, eles seriam lidos em nossa reunião de março que foi cancelada.

Nossa coluna Alaceanos em Pauta está com poucos documentos mas isso deve-se ao fato de que os eventos literários em nosso estado foram todos cancelados.

Informamos que foi criada a página da ALACE no Instagram com o endereço alace.em.pauta. Ali vocês vão encontrar informações sobre nossa Academia. Sigam alace.em.pauta e nós o atualizaremos com o que acontecer para engrandecer a ALACE.

O Escritor Convidado desse número é Ronaldo Agostinho, ator e coordenador técnico do Theatro José de Alencar. Vale a pena conhecê-lo.

Deleitem-se com O Alaceano e conscientizem-se de que somos nós os responsáveis pelo seu crescimento.

Um abraço saudoso em todos!

<http://academia-alace.blogspot.com/>

De nada valeria o conhecimento se não fosse a sua divulgação.

ALACEANOS EM PAUTA



Parabenizamos o Alaceano Amaury Neves Marinho pelos quarenta e dois anos de Maçonaria.

A ALACE foi muito bem representada no evento patrocinado pelo Grupo Chocalho, quando Rejane Costa Barros e Maria Nirvanda Medeiros foram condecoradas com a comenda MULHER POESIA.



Rejane Costa Barros, ladeada por Francinete Azevedo e Prof. Auriberto Vidal Cavalcante



Fazem parte dessa foto: Nirvanda Medeiros e seus filhos Pedro Jorge e Jorge André Medeiros além de Auriberto Vidal Cavalcante Presidente do Grupo Chocalho.

ALACEANOS EM PAUTA



A Alaceana Rejane Costa Barros prestigiando o escritor Wesley Lieverton e o Vereador de Iracema-CE, Cícero Benigno, quando da posse de ambos no Conselho Estadual de Política Cultural.

O Secretário de Cultura do estado, Fabiano Piúba, esteve presente ao evento na data de 11 de março de 2020



Rejane Costa Barros sendo entrevistada pelo Jornalista Ricardo Guilherme no Programa DIÁLOGO na TVC



A acadêmica Maria Adelaide Flexa Barreto prestigiando o Jornal O Alaceano.

A FLORESTA

Argentina Austregésilo de Andrade - Cadeira 21

Estende-se até o horizonte longínquo suas verduras em massa ondulando de colina em colina. A luz sobre as espessas ramagens se escoia em louras estrias sobre os troncos das árvores e sobre os musgos. O sopro da brisa folga nas ramagens.

No outono, junto a esses prestígios a simpatia das cores, desde o verde amarelo até o vermelho-rubro e o ouro puro. Matiza e cresta as moitas... Amarelo de ocre os vegetais e de púrpura as faias a formoseia as urzes róseas das clareiras.

Embrenho-me sob a folhagem, e sinto-me envolvida com seus eflúvios e seu mistério. Aromas fecundos sobem do solo. Plantas exalam sutil perfume. Seu magnetismo se desprende das árvores gigantescas, nos penetram e inebriam. Raios dourados penetram na clareira, brilham os troncos das bétulas como se fossem coluna de um palácio.

NO DIA EM QUE O MUNDO PAROU

Lucia Recamonde - Cadeira 37

De repente, ouvi um grito, era um sonoro BOOM DIIA! Destinado aos vizinhos, desconhecidos, ouvintes quaisquer. Alguém, no seu ambiente recluso, expressava votos de dia bom e assim, outros sonoros bons-dias apareceram como ecos do seu.

Os apartamentos tornaram-se camarotes de shows de artistas que, livrando-se de suas ociosidades, melhoram o dia dos seus vizinhos.

As pessoas idosas tomaram formas e jovens individualistas, usando seus fones de ouvidos conseguiram ver e ouvir aqueles que há muito estavam isolados. Os idosos foram notados e para eles algum tempo foi destinado.

Os carros ficaram, por alguns dias, sem utilidade. As ruas vazias, a gasolina perdeu parte do seu valor e sequer houve alarido social. Os engarrafamentos sumiram. Quem imaginaria que isso aconteceria algum dia?

O morador de rua tornou-se um problema social. Muitos uniram-se em ações solidárias e assim, amenizam o sofrimento daquele que há muito tempo sofria de forma escancarada e sequer era notado.

O tempo mudou... Finalmente, conseguimos viver as vinte quatro horas do dia, uma hora após a outra sem pressa, sem desgaste... O sono finalmente, tem oito horas e muitas vezes ainda merece ser esticado. O mês tem trinta dias e o ano doze meses... Ufa, é difícil acreditar!

Como num toque mágico, a saúde tornou-se preferencial. Hospitais novos, limpos e bem aparelhados surgiram. Doentes bem assistidos. Funcionários da área da saúde reconhecidos e aplaudidos.

Governantes preocupados com seus governados...

A fumaça parou. O dia ficou mais claro, brilhante. Nossa cidade mais bonita, nosso ar mais respirável, nosso planeta mais limpo.

Sei que tudo isso vai passar e, por mais incrível que pareça, ainda teremos recordações doloridas do tempo em que a solidariedade reinou, o desapego material foi claro, o cuidado com o outro foi mais forte porque, a causa de todas essas boas ações foi a fuga de algo, acima de tudo, muito assustador: A MORTE.

Quando finalmente, esse dia chegar, tomara eu poder dizer: A pandemia passou!

O COROLLA E O CORONA

Amaury Neves Marinho – Cadeira 26

Hoje, pela manhã, estava em minha casa cumprindo o meu retiro forçado quando olhei para o Corolla e fiquei imaginando quando poderíamos sair novamente para nos encontrarmos com os irmãos, companheiros e confrades.

Então, veio à minha mente que o Corona não nos permitiria, chovia e na rua a chuva parecia grades de ferro prendendo os transeuntes embaixo das marquises. Fiquei imaginando quando poderia voltar a abraçar, apertar as mãos e beijar os meus entes queridos, todos distantes, separados por uma quarentena que não sabemos quantos quarenta dias serão.

Fiquei matutando sobre os invisíveis que estão nas ruas, na mesma situação, porém, passam despercebidos por quem deveria apoiá-los, assim como os que estão nas comunidades que nem sequer podem manter a distância sugerida por causa da proximidade das casas.

Na minha imaginação, um filme se passa, relembro que a vida tem os seus percalços, mas, nunca pensei que chegaríamos ao ponto que chegamos e a conclusão que tiro de tudo isso é que o mundo está com a HUMANIDADE baixa.

CASA DE JUVENAL GALENO, SOLAR DA FRATERNIDADE

Zelito Magalhães – Cadeira 14

No santo abrigo deste teto amado
Crescem os fracos no solar dos fortes
Caminham todos numa só miragem
Embora ao peso de diversas sortes...
Rogaciano Leite

Era o tempo em que pontificava a mocidade liceísta que fazia parte, em bom número, do Centro Estudantil Cearense sob o comando do líder Francisco Vasconcelos de Arruda (o Chico Arruda). Havia outros, como Stênio Linhares, Pedro Sisnando, Romeu Vasconcelos, Cid Carvalho, Francisco Amaral e José Freire de Freitas, (*) também com seus destaques.

Corria o ano de 1950. Foi quando um grupo de rapazes resolveu fundar a Academia dos “Novos”, que teve abrigo na Casa de Juvenal Galeno. Levado pelo colega de Liceu José Freire, integrei a novel Entidade Literária, que tinha o poeta Sidney Neto como um de seus orientadores. Sidney já era, por aquele tempo um homem maduro (quase sessentão) que morava na Casa do Estudante à Rua Nogueira Acioli. Por aquele tempo ele já frequentava a Casa de Juvenal Galeno na qualidade de membro da Academia de Letras do Ceará, fundada no ano de 1930 pela Dra. Henriqueta Galeno. Era quase certo que a Academia dos “Novos” mereceu abrigo na ilustre Casa, graças a amizade que existia entre Sidney e Henriqueta. Entretanto, não sei dizer o motivo do nosso silogeu ter tido vida efêmera.

Apesar da dissolução daquele grupo de jovens que aspiravam as letras acadêmicas, não me afastei da Casa, pela qual começava a nutrir grande simpatia. Fortalecia-me o convívio com os seus frequentadores, gente luzida das letras, inclusive, o poeta boêmio Sidney Neto de quem me tornei admirador. A trindade que se tinha formado entre ele e os demais menestréis Jáder de Carvalho, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza (eram mesmo quatro) ensejou belíssimo e profundo trabalho - “O Novo Canto da Raça”, publicado em 1927.

Tive o privilégio de participar de vários saraus literários da Casa de Juvenal Galeno que iam de declamações a concertos literomusicais, que o poeta e jornalista Rogaciano Leite denominou de Solar da Fraternidade; e onde comecei a me desinibir nas ocasiões em que era convidado a recitar modestos versos. Guardo em arquivo a passagem de um “Natal dos Poetas na Casa de Juvenal Galeno”, descrita na crônica de Haroldo Alencar, em que este se refere à confraternização naquele 27 de dezembro de 1958: “graças ao espírito empreendedor da Dra. Henriqueta Galeno, que não mede sacrifícios para incentivar as letras cearenses e concorrer para que todos se acerquem da mesa eucarística da Poesia, numa homenagem votiva às Musas dadivosas que habitam o templo da Arte e da Perfeição”. Na referida crônica, o articulista relaciona os nomes de poetas menestréis de relevo, incluindo a participação da Ala Feminina. Citou, dentre os beletristas, os nomes daqueles que se fizeram ouvir em versos próprios e alheios, entre os quais citou Aleudes Felinto, Batista Soares, Cruz Filho, Celeste Meira, Carlyle Martins, Dolores Furtado, Ester Emília Barroso, Ferreira Nobre, Filgueiras Lima, Francisco Moura, Glyce Sales, Helena Montezuma, Henrique do Cerro Azul, Hemetério Pereira de Araújo, Linhares Filho, Morais e Silva, Nery Camelo, Odete Franklin, Reinaldo Carleal, Zelito Magalhães e Rita de Lara. (Crônica publicada no “Correio do Ceará”, edição de dezembro de 1958).

Com outros trovadores, como César Coelho, Aducto Gondim, Ciro Colares, Carlyle Martins e Nery Camelo, além de Rissette Cabral, da Ala Feminina, colaborei na composição das matérias para a Antologia *Trovadores Cearenses*, organizada e editada por Cândida Galeno, no ano de 1976. Mereceu destaque o perfil de Sidney Neto traçado pelo historiador Raimundo Girão, que transcrevemos para a página em que figura a colaboração do poeta. Ei-lo: “Um dia, nunca se soube a causa, passou a viver vida boêmia, solitário e amigo dos pequenos bares, onde, não raro, afogava nas águas ardentes a sua mágoa desconhecida e nunca revelada. Poeta o era “estranho, solitário e triste, incompreendido e amargo”, vendo a cada dia escoar-se, sem que resolvesse sair do seu desacompanhado celibato. O seu maior derivativo era o verso, e os fez muitos, românticos, líricos, parnasianos, produzidos um tanto ao léu, mas bem inspirados e corretos”. Idealizado por Zelito Magalhães, com a aquiescência da Presidente da Ala Feminina, Cândida Galeno e do inestimável apoio de Rogaciano Leite, realizou-se na Casa, em 1967, a “Noite das Violas”. O objetivo era

prestar uma simples homenagem ao famoso Cego Aderaldo (Aderaldo Ferreira de Araújo) falecido em junho recente. Ali reuniram-se conhecidos menestréis da estirpe de Severino Pinto (conterrâneo de Rogaciano e por ele convidado) Otacílio Batista, Geraldo Amancio, João Firmino, Simplício Pereira e Antônio Ferreira. Dado o sucesso alcançado, a pedido dos poetas-repentistas, o evento passou a realizar-se mensalmente, contando sempre com a presença crescente daqueles menestréis e do seu público admirador. “Noite das Violas” perdurou por alguns anos, como se vê do “Depoimento” que prestei e que se encontra arquivado nos Anais da Casa de Juvenal Galeno.

Nenzinha Galeno, com a sua visão humanística voltada para as letras, criou no ano de 1964 a Editora Henriqueta Galeno cuja direção gráfica foi entregue ao operoso Oscar Moreira, que tinha chefiado as oficinas dos Diários Associados. Através do estabelecimento, um sem número de livros, revistas e outras publicações de autores locais e de outros estados saíram do seu prelo. Entre tantas produções, estava a Antologia *Os Novos Poetas do Ceará*, editada em 1970. A Antologia compunha-se de 34 jovens poetas que ensaiavam os primeiros voos de arrebatamento levados pelo fervor das Musas. Mereceu o prefácio do poeta Jáder de Carvalho e considerações de outros homens das letras: Eduardo Campos, Ciro Colares, Antônio Girão Barroso, Lúcio Lima e Pedro Mallmann. *Atire a primeira flor*, da poetisa Marilita Pozzoli, em 1973, foi outro lançamento de sucesso.

No ano de 1969, mais precisamente no dia 11 de novembro, era criada a União Brasileira de Trovadores-UBT, seccional de Fortaleza. Na posição de secretária, Cândida Galeno dirigiu os trabalhos da sessão, indicando o poeta-trovador Santiago Vasques Filho como Presidente provisório, o que foi aprovado pelos presentes. Além do Presidente Vasques, a Diretoria teve a seguinte composição: Secretária-Geral – Cândida Maria Santiago Galeno, Diretor de Imprensa e Divulgação – César Coelho, Diretora de Cultura e Eventos – Rita de Lara, Departamento Jurídico – Carlyle Martins, Membros da Comissão de Ética – Aducto Gondim, Zelito Magalhães e Ferreira Nobre. Estando a Entidade trovadora nos seus quase cinco lustres de existência, confesso ser hoje o único remanescente de seus fundadores, como tive a oportunidade de ventilar durante o encontro da UBT, realizado no dia 6 de agosto de 2016 na Casa de Juvenal, com a Presidente do Diretório Nacional Domitilla Beltrame.

A Biblioteca Mozart Monteiro, da Casa de Juvenal Galeno, criou no ano de 2012 o “Café & Literatura” com a colaboração de estudantes do curso de Biblioteconomia que ali estagiavam. A iniciativa objetivava aproximar mais o escritor do leitor. *Piedade, Retalhos de Lembranças* (memórias de um bairro) de Zelito Magalhães, foi o primeiro livro a ser apresentado para discernimento do seu conteúdo – a história de um dos bairros mais antigos da Fortaleza de N. Sra. da Assunção. A solenidade aconteceu no Salão Nobre da Casa de Juvenal Galeno, no dia 12 de janeiro, com a projeção de *slides* e contou com as presenças de representantes de entidades culturais e de outros aficionados da história de Fortaleza.

O Governo do Estado do Ceará, através de sua Secretaria de Cultura, levou a efeito um programa alusivo ao Dia do Ceará. Fomos convidados pelo Diretor da Casa de Juvenal Galeno, Dr. Antônio Galeno, para proferir uma palestra no dia 17 seguinte, durante a qual enfoquei sobre os principais recantos históricos da cidade, as figuras populares da nossa gente, como o Manezinho do Bispo, Chagas dos Carneiros, José Levy, Quintino Cunha, Mário Rosal e o impagável boêmio e poeta Mário Gomes. Este último, que eu havia levado para o Clube dos Poetas, figurou na antologia publicada em 1970 pela Editora Henriqueta Galeno, foi merecedor de modesta homenagem *post mortem* que lhe prestei há três anos, na Casa de Juvenal Galeno, sob os auspícios da Academia de Letras e Artes do Ceará - ALACE. Os beletristas da Academia Cearense de Letras, Beatriz Alcântara, Batista de Lima e Juarez Leitão, bem como o representante do Itamaraty, Márcio Catunda, exaltaram a figura do “Poeta da Praça” que tão cedo deixou o nosso convívio. A figura de Mário Gomes jamais se perderá das recordações daquela plêiade de jovens poetas que o Solar da Fraternidade tanto abraçou.

(*) José Freire é referência no Livro *Piedade, Retalhos de Lembranças* (memórias de um bairro) 2ª edição - L C Gráfica & Editora – p. 131 – 2010 – autor: Zelito Magalhães

MEU TEMPO

Josenir Alcântara de Oliveira - Cadeira 24

Venho de um tempo em que não só a palavra de um homem, mas até um único fio de bigode valia mais do que um documento; em que as mulheres, jovens ou idosas, cobriam braços e pernas com mangas e saias compridas; em que o namoro não ocorreria nem sem a aprovação do pai da moça nem sem a companhia de um irmão ou irmã, na casa dela, entre às 19h às 22h, sem qualquer expectativa de prorrogação; em que a bênção aos pais e aos mais velhos era tomada na chegada e na saída; em que os homens adultos saudavam a todos com a elevação do chapéu e uma leve inclinação de cabeça; em que havia assunto de homem, do qual nem mulher, nem criança, não podiam participar; em que paletó, brilhantina e relógio de algibeira formavam a indumentária de um homem de bem; em que palavras como honestidade, honra, cavalheiro, dama, senhor, senhora, senhorita, respeito, família e Deus, não eram só ornamentos morais, mas também, a regra e a norma sociais. Qualquer deslize dessa moldura consuetudinária seria um escândalo para a sociedade de então. Assim, era o meu tempo, cujos valores se enraizaram em mim, imperceptivelmente e de modo pétreo.

Ainda na adolescência, como ajudante na farmácia do meu pai, notei que, enquanto os jovens, como eu, fincavam seu tempo no gozo do presente, muitos idosos tinham ancorado seu tempo de prazer no passado. Não poucos desses idosos costumavam lamentar-se do tempo presente, queixando-se ao meu pai: “Tomara que Deus me leve logo! Já não aguento mais esta vida! O mundo está perdido, de cabeça para baixo! O mundo está maluco”! É desnecessário dizer que tais lamentos me soavam assaz insanos, pois a vida me era tão maravilhosa.

Tendo herdado a farmácia de meu pai, a qual era a única na cidade, eu aproveitava, entre os pinga-pingas de fregueses, o tempo, lendo todas as bulas de remédios. Daí, surgiu meu amor pela Ciência, cujo ápice do progresso futuro, cria eu, seria o prolongamento da longevidade humana, com a superação das enfermidades mais frequentes de óbito. Isso era o que eu queria para mim: vida longa! Do dia para a noite, meu Deus passou a ser a Ciência, e o meu tempo, o futuro.

Numa monótona manhã, aos 40 anos, o futuro parece ter dado um salto para o presente. Ouvi, num velho rádio à válvula, a notícia de que um laboratório de São Paulo estava à procura de voluntários para o teste de uma vacina, que, se exitosa, imunizaria o paciente contra toda sorte de enfermidade, conhecida até então, proporcionando, assim, uma longevidade em torno de 250 anos. Tal notícia, de tão alvissareira, fez com que eu deixasse a farmácia aos cuidados da minha esposa, partindo para São Paulo, numa viagem de 6 dias.

Tendo tomado a vacina, não demorei muito para sentir sua esplêndida eficácia: eu passava ileso por todas as enfermidades que sobrevinham à minha família e à minha cidade. Não pegava sequer uma gripe. Tudo me era maravilhoso!

Com a minha longevidade garantida, vi chegar a morte da minha amada esposa, dos meus queridos filhos, dos meus carinhosos netos, dos meus bons amigos, vizinhos e conhecidos. A solidão batia crescente e insistentemente à minha porta.

Já tendo morado com meus filhos, netos, bisnetos, eu vivia, agora, com meus tataranetos, recluso em meu quarto, por não ter com quem conversar. A atenção deles era só para a tela do celular, do computador, da televisão, enfim, para tudo que os levasse para longe de mim. Em outras palavras, eu vivia numa solidão acompanhada, roçando ombro com meus tataranetos e, ainda assim, estando longe deles.

Mais do que essa distância do perto, eu tinha que suportar a agressão aos costumes de meu tempo, praticada por minhas tataranetas: usavam um tal de fio dental, uma esmirrada linha, que desaparecia corpo adentro; o namoro delas era fora de casa, começando depois das 22h e terminando às 6h do dia seguinte; dançavam um tal de “na boquinha da garrafa”, que, em nada, se parecia com a valsa de meu tempo. Tudo isso me era uma violência sem fim!

Meus tataranetos, por sua vez, usavam brinco, que, no meu tempo, só as mulheres o faziam; espetavam uma argola no nariz, a qual eu só via em touro brabo, na fazenda; estranhamente tratavam uns aos outros por “bicho”; não se acanhavam de fumar, beber e falar impropérios na minha frente. Tal descompasso com meu tempo dava-me a certeza de que eu estava sobrando no mundo; de que, há muito, meu tempo tinha se esgotado, passado, acabado. O pior: ainda faltavam mais 170 anos, não mais para viver, mas para sofrer.

Do dia para a noite, vi-me amaldiçoando a Ciência, que fazia um “upgrade” só do corpo, mas não da mente, do espírito, da alma. No embalo dessa perturbação psíquico-emocional, tomei uma decisão: não quero mais viver; quero morrer, ir para junto daqueles do meu tempo; não aguento mais sofrer!

Pondo a minha decisão em prática, saltei do 15º andar, caindo em cima da carroceria de um caminhão carregado de colchões, que me amortizaram a queda. Frustrado, não consegui morrer.

Não me dei, porém, por vencido. Fui ao sítio de um dos meus tataranetos e enforquei-me com uma corda amarrada a um caibro, que, de tão velho e podre, se quebrou com meu peso. Outra frustração!

Agora, meus pensamentos voltavam-se contra mim mesmo, apontando para uma inquietante e assustadora pergunta: será que, por castigo, estou condenado a viver?

Ruminando essa pergunta, dia e noite, comecei a vislumbrar que a Ciência é útil somente parcialmente; que nós, humanos, não sabemos nem o que pedimos a Deus, pois, nem sempre, o pedido, se atendido, é para o nosso bem; e que tudo que Deus faz é perfeito e, por isso, deve ser acolhido de bom grado. Se me fosse permitido, eu pediria a Deus: “Tomara que Deus me leve logo! Já não aguento mais esta vida! O mundo está perdido, de cabeça para baixo! O mundo está maluco”! Aliás, já ouvi isso em algum lugar, em algum tempo.

O VALOR DE UM AMIGO

Rejane Costa Barros – Cadeira 28

Tua amizade é nuvem sobre o campo de girassol
a desvendar as lavouras do meu destino.
Onde nasce o sol de todos os dias
oferecendo pão e vinho
para a solidão de minha mesa.
Tua amizade ergue as paredes de minha casa
segura todas as vigas e mede os roçados
que germinam trigos entre as pedras.
Quando meu riso se esconde e vejo tua face
esculpida em poema,
logo, meu riso vira redondilha maior
em múltiplos acordes.
Os utensílios de minha casa
estão de mudança para novo endereço,
as paredes amarelaram e só tua presença
para as novas cores.
Tua amizade é vento em meus cabelos
balouçando aromas de alfazema
na tarde adormecida de tons vermelhos.
É o azul dos canteiros onde voam os pássaros,
sol que marca os corpos secretos das virgens,
tua amizade é bálsamo para todas as horas
as de alegria e tristeza e aquelas em que sonhamos
com dias melhores.

AS SECAS E A PROBLEMÁTICA DA ÁGUA NO NORDESTE BRASILEIRO. IMPORTÂNCIA DO DNOCS NA SOLUÇÃO DO PROBLEMA

José William Bezerra e Silva - Cadeira 07

O problema recorrente da seca, que recentemente assolou nossa região, com graves implicações na economia agropastoril e na conseqüente desorganização populacional, ocasionando migrações do homem do campo para as cidades, com efeitos nefastos, já por todos conhecidos. No Nordeste do Brasil o fato se agrava, tendo em vista a insensibilidade de alguns governantes para o grave problema. Para mitigar os efeitos das secas, até o final da década passada já tinham sido construídos, no Nordeste brasileiro, 437 médios e grandes reservatórios públicos, os quais têm capacidade para acumular mais de 108 bilhões de m³ de água e inundar mais de 807 mil ha de terra. O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), desde sua fundação (em 1909) até o final da década passada, foi responsável pela construção de 303 desses reservatórios, os quais acumulam mais de 22,5 bilhões de m³ de água e inundam cerca de 217.500 ha de terra, sendo o Castanhão o maior, podendo acumular 6,7 bilhões de m³ de água. Além da construção de açudes públicos, o DNOCS construiu, em regime de cooperação com agricultores e pecuaristas nordestinos, 847 açudes particulares, executando, ainda, um programa de perfuração de poços em propriedades públicas e particulares. Tudo isso, visando amenizar os efeitos das secas periódicas que assolam o Nordeste brasileiro.

E o que nos falta então? Falta-nos a distribuição desse precioso líquido, tornando-se perenes os rios e construindo-se canais, o que vem sendo realizado pelo DNOCS, mediante a construção de adutoras e de sistemas de abastecimento para as populações. Transposições de bacias hidrográficas são feitas desde os tempos dos faraós, no Egito, quando transpuseram água do Rio Nilo para irrigação e consumo dos egípcios e povos vizinhos. Também foram feitas pelos Incas e Maias, no Peru, Colômbia e Guatemala, ainda no período pré-colombiano. Modernamente, têm sido feitas nos Estados Unidos, Europa, Ásia e em quase todos os continentes. A transposição do Rio São Francisco para as bacias hidrográficas setentrionais, que se arrasta desde o tempo do império (ano de 1817), sendo que o primeiro projeto para tal foi elaborado pelo cearense Marcos Antônio de Macedo, no ano de 1847. O projeto atual e definitivo foi elaborado somente em 2004 e teve sua execução iniciada no segundo governo do Presidente Lula. A obra se arrasta lentamente, conforme amplamente divulgado pela imprensa nordestina. Se concluídos os dois eixos (leste, para servir a Pernambuco e Paraíba, e Norte, para atender ao Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte), teríamos uma vazão de água agregada aos nossos sistemas hidrográficos na magnitude de 63 m³/s; 226.800 m³/h; 5.443.200 m³/dia ou, finalmente, 163,3 milhões de m³/mês. Alguma coisa já foi feita pelo governo do Ceará, salientando-se o Canal do Trabalhador e o Eixão das Águas, este, em fase de conclusão. Mas temos, ainda, muito que fazer neste aspecto, para que a água chegue em casa ou fique ao alcance de todos os nordestinos. Leve-se em conta, ainda, que a precipitação média anual das chuvas no Ceará é superior a 700 mm, portanto, muito acima dos 200 mm médios que ocorrem, por ano, em Israel, por exemplo. Contudo, a tecnologia usada em Israel faz com que não haja perdas de safras, pois quando das primeiras chuvas sementes e fertilizantes já se encontram no solo, devidamente preparado para recebê-los, e as plantas nascem e crescem ainda no período das chuvas, sem perdas por falta de água. Além do mais, quase toda a água de escoamento superficial é armazenada e apenas pouco mais de 5% chega ao mar. Saliente-se que aqui no Nordeste mais de 60% das águas de escoamento superficial chegam ao Oceano Atlântico, não sendo aproveitada para a irrigação e a piscicultura, por exemplo. Temos, pois, muito que fazer no que se refere ao aproveitamento dos recursos hídricos disponíveis na região, o que exigirá grande esforço político e aporte de recursos. Somente, assim, poderemos diminuir ou mesmo eliminar as agruras que passam os nordestinos nos períodos de escassez de chuvas. Para enfatizar a importância da construção de açudes pelo DNOCS, seguida pelos estados nordestinos, o Jornal Diário do Nordeste, edição de 9 de dezembro de 2012, informa que, somente no Ceará, 800 mil pessoas receberam água oriunda dos açudes, utilizando-se carros pipa para sua distribuição, nos anos de escassez de chuvas que atravessamos na década passada. Foram 174 municípios atendidos por este programa.

LOBAS

Gilda Freitas - Cadeira 33

Pegadas... crivo, a luz, o fogo
imaginas!...
em oração o vento semeia
perfumes de cardos
o sol a estrada cor de montanhas
sobrevive ao zumbido dos zangões
de repente...
seria dezembro
uivos...
estremecem a garganta
quebram o estampido do gelo
lobas... uma multidão de olhos
almas esvaziadas
chagas e trevos
lua fantasma
assombro-me!
gritos!
a loba sobre a areia
risca um verso
o mundo fica azul
lobas...
algo há de se achar...
cópula, cio
imaginas!...
se teu nome fosse deserto!
A Artemísia estremece
perseguida por uma crespia canção
antes da neve
uivos...
para os nupciais das estrelas
perto de mim, serpentes
em metamorfoses
nuvens de aurora
densa de sono
palavras não mudam
trazem novos medos
até que dure...
não estou de volta
nem refugiada
lobas uivam...
ninguém responde
em fógicos gritos
uivos...
não calam, não calam.

DEUS NOSSO PAI, SENHOR DO UNIVERSO

Maria das Graças Teixeira Santos - Cadeira 35

Há dias tenho no meu pensamento
Dizer no poema todo o encantamento
Como falar em Deus, doce esperança
Que nos acompanha desde criança.

Deus nosso Pai, Senhor do Universo
Queremos louvar, agradecer em verso
Pensando eu que logo encontraria
As palavras certas que tudo diria.

Olhei o sol brilhando ao alvorecer
Ouvi pássaros cantar no amanhecer
Vi borboletas passando por mim
Indo beijar as flores no jardim.

Acompanhei o dia até o sol se pôr
Atividades, alegria, quanto labor
Chegando a noite, no céu a cintilar
Constelação de estrelas vi brilhar.

Logo depois, fascinante veio a lua
Com sua luz prateando nossa rua
Canções de Amor ouvi na madrugada
Inspiração eterna da alma enamorada.

A natureza clama que cuidemos dela
Deus a deixou produtiva e bela
O mundo clama pela Paz, pela União
Que em nós, reine o Amor no coração.

Deus, como é bom falar contigo
És nosso PAI, Irmão, nosso Amigo
Louvamos e agradecemos, Amém.
Abençoa-nos DEUS! Também.

A MULHER INTERESSANTE

Pio Barbosa Neto – Cadeira 39

“A mulher interessante não é propriamente bonita, mas tem personalidade, tem postura, tem um enigma no fundo dos olhos e uma malícia que inquieta a todos quando sorri... As pessoas se questionam. O que é que essa mulher tem?! Ela tem algo. Pronome indefinido: algo. Ficar bonitinha, muitas conseguem, mas ter algo é para poucas.” (Martha Medeiros).

A construção feita acerca da mulher interessante é algo que nos desafia, especialmente, porque modelos ideais não são necessariamente adequados a qualquer conceito.

Imagino que pensar em mulheres, é pensar palavras tais como: alguém agradável, cativante, encantadora, simpática, atraente, fascinante, divertida, envolvente, atraente.

Mulheres sabem expor suas mazelas, suas dores mais secretas, seu choro velado, elas vivenciam papéis algumas vezes, dramáticos.

Algumas vezes, elas reclamam de tudo, são perfeccionistas, exigentes, amam, pegam no pé do outro, não temem cobranças, gostam de chamar a atenção.

Indiscutivelmente, elas gostam de serem tomadas no colo, abraçadas, confessam o amor que têm sem esconder o desejo e a paixão, sentem a ausência do ser amado, declaram seu amor nas madrugadas.

Algumas vezes, são geniosas, donas do seu nariz, desafiam, de repente, gostam de afagos, embora tenham momentos de tensão e estresse, contudo, elas nos tiram do sério, nos fazem perder o sono.

Toda mulher, gosta de ser um pouco temperamental, algumas vezes, são indecisas, mostram a força e a fraqueza, sabem conjugar risos e soluços como ninguém, adoram batom vermelho, choram em filmes de romance, são sensíveis, no íntimo, são loucas por nós, não escondem o amor que guardam no peito.

Não há verdadeiramente as mulheres equilibradas, elas são movidas pelas estações do amor, pelos devaneios loucos da paixão, por um chão de giz ou de estrelas onde alguém escreve seu nome nas tábuas de carne do coração, e assim, elas celebram a vida, sem temer os levantes lá fora, talvez por que elas não gostam de parecer conformadas a um estado de alienação, mas de superação e conquista por isso, elas são completamente indescritíveis, ápice da criação divina, materializada para a admiração do homem, esbanjando charme, sensualidade, como uma obra de arte acabada sem retoques, sendo a mais clara expressão do perfeito.

Podemos adjetivar a mulher interessante, como alguém inteligente, meiga, natural, querida, preciosa, terna, sincera, contudo, não há como negar as virtudes do corpo que acrescentam contornos sinuosos, curvas generosas e olhares ávidos de um público exigente que espera encontrar perfeição em tudo.

A construção da imagem da mulher, no entanto, traz novas tendências e modismos a serem seguidos.

Acho que a mulher que melhor define a beleza, sem dúvida, é a mãe que a gente tem, a avó, as mulheres que marcaram nossas vidas com o suor do seu rosto, com o trabalho, sem as vaidades destes tempos eivados de preconceito.

Certamente, ninguém inspirou mais canções, como nos grandes textos literários, nas telas de grandes pintores, nas poesias de todas as épocas, nos corações dos boêmios, do que a mulher, criação divina para este mundo rebelde que não sabe preservar o presente tão pequeno no tamanho, mas grande na beleza, no amor e na inspiração.

Pelo lado romântico, a mulher é a flor mais sublime que a natureza deixou na Terra pelo seu perfume, pelo seu falar carinhoso e pela sua maneira de conseguir tudo que anseia, porque, como dizem os poetas, a mulher se assemelha a uma rosa que exala perfume nos momentos de mais terríveis dissabores.

A fala disseminada ao longo dos séculos foi de que a mulher era frágil, sem condições de pensar, criar ou sobreviver sem o homem, servindo apenas como um grande útero.

Mas essa cortina de mentiras e preconceito se desfaz diante de nossos olhos e as mulheres estão cada vez mais se conscientizando de sua importância e poder na sociedade.

A mulher hoje não se sente apenas vítima das condições sociais a que está submetida.

Alguns estereótipos acerca da mulher, considerados “naturais”, afirmam ser esta, possuidora de sensibilidade, intuição, altruísta, amorosa, culminando tais características no “instinto materno”.

Nos anos 40, a filósofa francesa Simone de Beauvoir, desmistificou a feminilidade afirmando: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

“O aprimorado da vida ainda insiste em nascer dos contrários. As mulheres sabem mais sobre isso. Elas experimentam na carne o destino de serem como Deus, em pequenas partes. Geram o mundo, embalam os destinos e entrelaçam num mesmo tecido as cores da fragilidade e da força. Elas são de aço. Elas são de flores”. *Fábio de Melo*

ACREDITE QUEM QUISER

Ida Carvalho – Cadeira 04

Acabaram as ilusões!
Agressões, agressões, só agressões
O amargo trava!
Agressões com palavra,
Mulher laranja, pera ou melancia,
igualar-se ao homem quer,
por que não ser simplesmente mulher?

Os valores acabaram,
ficamos sem valor,
conchas que se fecharam,
somos nós,
pérolas feridas pelo dia a dia.
O mundo não está em festa,
mulher fruta, descartável, indigesta.

Acabou-se a fantasia,
vivemos uma farsa,
ser igual ao homem não tem mais graça.
Acabou-se o nosso alento,
tudo isso é um tormento.

Será que o mundo poderá tentar
fazer-nos apenas Ser?

Ser mulher é ser amor
é exigir sutileza
como o tocar mansinho
nos cabelos!

Ser mulher é amar
uma palavra amena
cheia de significado,
é sentir o roçar delicado
da própria mente
com a de seu amado.

É sentir seu corpo envolvente,
no dele tornar-se um só corpo!

Ser mulher é ser sintonia de espírito e carne
derretendo-se, amoldando-se
na fusão e transposição
eterna de um segundo
que transcende o limite do tempo.
É saber que do homem o amor fecundo
a tornará mulher!

Mas este poema adocicado,
com delicadeza assim, pintado,
esconde sua intenção:
submissão, submissão, submissão...

Ora! A mulher já nasce feita!
Ela e o homem, são a mesma receita.
Se há necessidade
de um dia lhe ser consagrado,
penso, na realidade,
todos os dia são dela.

Mulher Maria, Mulher Rosa, Mulher Bela
ou simplesmente Mulher...
Alguém já disse, o autor não sei dizer:
“Deus primeiro fez o homem,
depois fez a mulher...”
Acredite quem quiser...

O QUE SIGNIFICA MULHER

Ida Carvalho – Cadeira 04

Majestosa no viver,
única no querer,
lealdade de ser.

Honestidade e prudência
envolvendo sinceridade,
rainha da Humanidade!

CONFISSÃO

Socorro Cavalcanti – Cadeira 38

Falo dos meus desejos,
fantasias e medos.
Oscilo no caminho das dúvidas,
mas, com fé persisto,
na firme esperança,
de um dia encontrar **Falo dos meus sonhos,**
à procura do viver a dois
nos abraços das noites,
no despertar das manhãs!

Falo sobre você, do nosso passado,
do amor que pode renascer
na plenitude da vida,
para toda a eternidade!

MINHA TELA

Argentina Austregésilo de Andrade - Cadeira 21

O medo, a incerteza, a timidez, se agigantam.
Impotente, perante a natureza,
A mão treme, o pincel não controla.
A reação não demora,
O ideal é mais forte.
O sentir, o desejo, o prazer nos invadem,
Os problemas se dissipam,
A dor desaparece,
A solidão se vai,
O espírito se eleva,
Centelhas de luz em cada pincelada.
A cor, o tom, a forma, o equilíbrio, a harmonia...
Tudo se mescla.
O quadro se enriquece.
No final...
É a alma do pintor que na tela aparece.

MEU CORAÇÃO, ESSE LOUCO SONHADOR

Maria das Graças T. Santos – Cadeira 35

Sonho!... Deixo meu corpo flutuar
Solto na imaginação.
Sonho!... Deixo minh'alma se fundir
Com a tua, em comunhão.
Como se voássemos ao sabor do vento
Ou bailássemos entre nuvens brancas
Entregues por inteiro ao sentimento
Livres, a singrar em águas mansas.

Se meus braços nunca mais te abraçarem
Eu sinto teu abraço nos meus sonhos
Se jamais nós dois nos beijarmos
Conheço o gosto do teu beijo
No favo de mel.

E se eu calar para sempre
Sem mais nos termos amado
Surgirá uma estrela no céu
Num rastro de luz dourado
Eternizando por fim,
O sonho mais sonhado
De um coração apaixonado
Que é esse louco sonhador
Que ainda vive em mim.

A FLOR EM MULHER

José Odmar de Lima – Cadeira 31

Sozinha, solta
e seleta,
me verás
apenas pétala

Juntinha e,
ruborizada em cores,
aí, me terás
em flores

Sorridente, bem-amada,
nunca sendo amargurada
e, acariciada até
assim, me verás mulher.

ESCRITOR CONVIDADO

RONALDO AGOSTINHO



Ronaldo Agostinho tem 50 anos. É Ator-Diretor, Diretor de Produção, Operador de Luz. Está cursando Produção Cultural na UNIASSELVI FADESC. É do CMPC – Cons. Municipal de Políticas Culturais Fortaleza – Suplente Teatro. Membro fundador da AICLA – Academia Internacional de Ciências Letras e Artes, membro associado da ACA – Academia Cearense de Artes. Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura Audiovisual do Ceará – Colégio de Direção Teatral – (College com dois anos de duração).

2020 – 2019 Theatro José de Alencar - Coordenador Técnico, SATED-CE – **Secretário-Geral** Trupe Caba de Chegar – **Ator dos espetáculos, Rosa Escarlata e a Fábula do Monturo Velho** Cia de Teatro Que História é Essa? - **Dir. de Produção, Diretor Teatral e Ator**, TV Assembleia – Perfil Antônio Sales – **Ator**, SECULT-CE - **Parecerista do XVI Edital Ceará Natal de Luz/Parecerista no Edital de Pareceristas/Seminário “Cultura do Acesso: Arte e Acessibilidade”** – **Cerimonialista**,

Cia. Palmas de Teatro-CE - **Júri do IX Festival de Monólogos - Teatro e Dança, Solos Brasileiros, XII Bienal do Livro – Cerimonialista do Lançamento Casa de Juvenal Galeno**

2018 – 2016 Theatro José de Alencar – Coord. de Programação e Produção/Formação, SATED-CE – Secretário-Geral, SECULT-CE - Parecerista do Edital Junino SECULT-CE/Parecerista do XV Edital Ceará Natal de Luz/Parecerista do Edital da Artes, Cia. Palmas de Teatro-CE - Júri do VIII Festival de Monólogos - Teatro e Dança, Solos Brasileiros, SECITE-CE - Apresentador da Feira do Conhecimento, Ciência, Tecnologia e inovação do Ceará, FIB – Festival Internacional Mestre Pedro Boca Rica de Teatro de Bonecos – Apresentador, 62ª Feira do Livro de Porto Alegre – Oficina de Encadernação Artesanal

CRAS de Cachoeirinha - RS - Oficinas de Sabonete Artesanal PAIF, “Bloco o Samba é Nossa Companhia” São José do Rio Preto-SP - Direção de produção

2105 – 2014 Pronatec – Coord. Acessuas Trabalho Equipe de Referência Cachoeirinha – RS, 27ª Noite das Estrelas - Cine Teatro São Luiz – Dir. Artística e Cerimonial

2013 – 2010 Mungango Produções – Diretor de Produções - XVII Encontro dos Profetas da Chuva Quixadá / I, II e III Ceará Das Rabecas Fortaleza / Alma das Rabecas Documentário – Dir. de Produção, FEQUAJU-CE - Jurado festival de quadrilhas do Ceará, Sedição de Juazeiro de Daniel Abreu - Participação como ator, Descoberta das Américas na Caixa Cultural- Produtor Local, XVII FESTFORT Festival de Esquetes de Fortaleza – jurado, Associação Cultural Hugo Pinheiro - Produção do I, II e II Arraiá Flor de Gitarana em Milhã-CE/ Centenário do Rei – Crato-Ceará - Produtor e Diretor de Palco

2009 – 2006, Theatro José de Alencar - Produtor e Articulador do SET, SECULTFOR Produtor e Apresentador Encantos de Iracema, Projeto Forró no Mercado, Passeio Público, Cocó, TV Diário – Produtor Caderno 3 / As Furoras / TV Tupiniquim / Clube do Brega, Jardim das Horas - Produção do Show da Banda - no Theatro José de Alencar Projeto Pixinguinha. Massafeira 30 anos – Praça do Ferreira Homenagem ao Movimento Massafeira – Dir. de Produção, Marivalda e o Grupo Kariri DVD 50 ANOS - FEC - Fundo Estadual de Cultura, “Entre uma Marcha e Uma Saudade”, Carnaval da cidade Jardim-CE. SATED-CE - Diretor de Projetos. Circo Escola Bom Jardim e Palmeiras Depende de Nós – Figurinos, Festival de Teatro de Fortaleza - Produção

“Domingo Elétrico” - TV Cidade TV Record – Dir. de Produção, Instituto Persona de Educação - Coordenador de Ações Culturais e Educacionais, Documentário - A Padaria Espiritual (de Felipe Barroso) – Ator, Município de Quixeramobim - Coordenador do Centro Cultural Antônio Conselheiro / Assistente de Cultura / Supervisor de Cultura, I Festival de Cantadores e Violeiros do Sertão Central - Produção local, SECULT INTINERANTE - Instrutor dos Cursos de Gestão e Produção Cultural Projeto, SET-CE - Sistema Estadual de Teatro - Membro da Comissão de Implantação, Prefeitura Municipal de Carnaubal - Produtor da Paixão de Cristo, Prefeitura Municipal de Apuiarés - Coordenador da Casa do Adolescente

2005 – 2000 Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura e Indústria Audiovisual do Estado do Ceará -

Assistente de Produção do Colégio de Direção Teatral / Assistente de Produção do Espetáculo “Fragmentos do Poder e da Morte” / Assistente de Produção do Espetáculo “Retratos de um Brasil em Preto e Branco”, **Espectáculo “A Estrela Dalva”** – Produtor, Triálogo uma Conversa Sobre Literatura – **Dir. de Produção**, Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura - **Instrutor de Teatro**, Curso de Pedagogia da UFC - **Oficinas de Colagem**, PROARES - **Instrutor nos cursos de Arte Educação para os professores da rede pública**. Café Teatro Docas - **Produtor e Diretor de Programação**

1999 Comunidade Solidária Escola - Instrutor Módulo Específico de Teatro Infantil e de Teatro de Bonecos - Adaptador e Diretor dos Espetáculos: “A menina que só Come Quando Apanha e o Médico a Força” e “O Fantástico Mistério de Feiurinha”.

E-mail: rsagostinho@yahoo.com.br

DOR E SILÊNCIO INVENTADOS

Ronaldo Agostinho

Quem controla o Estado?

A quem serve o Estado?

Nem sei que nada sei. Não entendo a separação entre vida profissional e vida pessoal. Não sou uma pessoa quando trabalho?

Desde cedo resolvi trabalhar com o subjetivo. Me encanta o ser humano. As múltiplas possibilidades, as mil faces.

A minha teima é pensar mesmo que o Estado é alimentado por mim e não o contrário. Sempre neguei esses caminhos das formalidades. Já me pus a serviço do Estado em várias ocasiões por acreditar estar a favor de um bem maior. Meu exercício posto, é exatamente o que sou, o que penso, o que represento. Sem distinções de inteligências, sem uso de máscaras. Nu e cru. Talvez por isso tenha agradado menos aos chefes e mais aos companheiros. Nunca coloquei em cheque minha integridade e competência, embora tenha assistido diversas tramas. Vendo tanta gente mentindo, inclusive, para si mesmo, para permanecer ou se colocar acima de outro.

Com certeza, cometi diversos erros e injustiças. A minha trajetória é um relato vivo de quem sou. Algumas coisas que fiz e posso dizer foram cruéis e indolentes, por não terem sido a mim que fiz. Também já fui alvo de coisas ruins. A crença em mim mesmo e nessa diversa humanidade é o caminho reto. A palavra escrita, o ofício professado, o existir incessante, são as motivações variantes para dizer: faria tudo de novo.

O Estado, e não só nesse momento, tem que se colocar a serviço do povo. Nunca foi isso que vi. Sempre, sempre quem representa o Estado, suas instituições, normas, engana a si e a todos nós. É como diz Fernando Pessoa, sobre fingir a dor e nela acreditar.

“E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm”.

Escrever sempre em primeira pessoa é meu desejo porque acredito representar só a mim. Na sociedade moderna onde o capital é o regente, sempre penso, qual o papel do artista, qual a função da arte? A História nos aponta que em vários momentos, a arte esteve ligada ao Estado, seja ele laico ou não. O artista que morre pobre ou que é subvencionado. Pierre Clastres já no primeiro capítulo de A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO no diz:

“Poder-nos-emos interrogar seriamente a propósito do poder? Um fragmento de para além do bem e do mal começa da seguinte maneira: «Se é verdade que ao longo de todos os tempos, desde que os homens existem, existiram também rebanhos humanos (confrarias sexuais, comunidades, tribos, nações, Igrejas, Estados) e sempre um grande número de homens obedecendo a um pequeno número de chefes”.

Na verdade, é um alerta muito claro. “Será que devíamos tatuar um coração na testa? Todos assim veriam: o coração subiu à cabeça. E como seria um coração azul-marinho, azul morte, um coração agônico, também poderíamos dizer: a morte subiu à cabeça. Só precisamos transformar em escrita o profundo susto que levamos”.¹

Escrever nesse momento, é muito difícil para mim, onde vejo tanto caos, muita mentira, grandes simulacros, a morte em nossa testa estampada de verde e amarelo e eu sentindo raiva dessa dor do poeta por ter sido traído na minha dição de humano.

Essas palavras não têm a intenção de chegar a lugar nenhum, de dizer nenhuma verdade, é um pouco da minha esquizofrenia perplexa, que sendo fragmentos, são alinhavos da minha alma.

Die Wahrheit ist ein seltenes Kraut, noch seltener wer es gut verdaut?².

Sinto-me vivo e impotente diante de tudo isso, porque a verdade que sei é minha somente minha. Não estou e nunca estive a serviço do Estado, sirvo a mim e aos meus pares. Sendo a arte meu ofício manual que não carece de consagração³, porque o reconhecimento vindo de um apenas, já torna verdade o que faço.

1. Não sei de quem é.
2. Ditado alemão que significa: A verdade é uma erva rara, mais raro ainda é quem a digere?
3. Estado da pessoa ou de algo que obteve notoriedade e reconhecimento. Que se tornou reconhecido; legitimação: Entrega exclusiva a alguém ou a alguma coisa.

EXERCITANDO A MEMÓRIA

Fotos da reunião de 08/02/2020

A primeira reunião do ano de 2020. Na primeira foto José Odmar Lima e a mesa composta por Socorro Cavalcanti, Lucia Recamonde e Rejane Costa Barros. Leitura de trabalho da autoria de Rejane Costa Barros na segunda foto e Ildo Mota, escritor convidado do Alaceano anterior, ladeado por Rejane Costa Barros e Lucia Recamonde

